Ensaio

Texto submetido em: 5 abr. 2021. Aprovado em: 15 abr. 2021.

KOHAN, Walter Omar. Diego e Paulo, dois meninos danados, amorosos, de esquerda... ou como convidar um amiguinho inesperado para comemorar uma vida infantilmente amorosa e revolucionária. *Estudos Universitários: revista de cultura*, UFPE/Proexc, Recife, v. 38, n. 1, p. 153-192, jan./jun., 2021.

DOI: 10.51359/2675-7354.2021.250084

ISSN Edição Digital: 2675-7354

Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição 4.0 Internacional.

Diego e Paulo, dois meninos danados, amorosos, de esquerda... ou como convidar um amiguinho inesperado para comemorar uma vida infantilmente amorosa e revolucionária¹

Diego and Paulo, two willful, loving, leftist boys... or how to invite an unexpected little friend to celebrate a childlike loving and revolutionary life

Walter Omar Kohan

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Doutor em Filosofia

E-mail: wokohan@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-2263-9732>

Resumo

Este é um texto sobre o amor, a meninice e a revolução. O texto homenageia dois meninos que, cada um em seu espaço, compartilharam um mundo pelo modo em que afirmaram suas vidas, como formas amorosas e politicamente infantis. O texto apresenta várias seções. Em “Antes de começar... infância”, convida as leitoras e leitores a sentir um tempo infantil de leitura; em “Paulo, Che e um menino inesperado: amor, infância e revolução”, apresenta os interlocutores principais do texto; em “Algumas objeções contra um menino danado e nada santo”, considera algumas objeções à introdução da terceira personagem do texto; em “Dois meninos

1. Agradeço a Anelice Ribetto e Magda Costa Carvalho por sugestões e correções de uma versão primeira deste texto.

de esquerda”, desdobra aspectos comuns – a política, a revolução – entre as duas personagens principais do texto; em “Dois meninos amorosos”, destaca a amorosidade comum desses meninos na sua relação com a infância; e finalmente, em “Para terminar, sem deixar de começar”, sugere alguns outros aspectos comuns das duas personagens e deixa às leitoras e leitores um convite para uma forma de terminar o texto: começando (sempre) outra vez.

Palavras-chave: Paulo Freire. Amorosidade. Politicidade. Infância. Diego Maradona.

Abstract

This is a text about love, childhood and revolution. It honours two boys who, each in his own space, shared a world by the way they affirmed their lives, in a loving and politically childlike way. The text has several sections. In the section named “Before beginning... childhood”, the readers are invented to experience a childish time of reading; in “Paulo, Che and an unexpected boy: love, childhood and revolution”, the main interlocutors are introduced; in “Some objections against a naughty and nothing holy boy”, some objections to the text’s third character introduction are considered; in “Two leftist boys”, the common aspects is unfolds – politics, revolution – between the text’s two main characters; in “Two loving boys”, the common affection of these boys in their relationship with childhood is highlighted; finally, in “To finish, without stopping to start”, some other two characters’ common aspects are suggested and leave to the readers an invitation, a way to end the text: starting (always) again.

Keywords: Paulo Freire. Love. Childhood. Revolution. Diego Maradona.

En una revolución verdadera, a la que se le da todo, de la cual no se espera ninguna retribución material, la tarea del revolucionario de vanguardia es a la vez magnífica y angustiosa. Déjeme decirle, a riesgo de parecer ridículo, que el revolucionario verdadero está guiado por grandes sentimientos de amor. Es imposible pensar en un revolucionario auténtico sin esta cualidad

(GUEVARA, Ernesto Che, 1978, p. 21-22)

Antes de começar... infância

Confesso-lhes que pensei, pensei e pensei sobre o que e como escrever este texto. Vivemos em um momento político, social e econômico muito difícil no Brasil: um tempo terrível, angustiante, em que padecemos de uma política de extermínio por parte de um governo genocida com uma crueldade poucas vezes vista, em particular com a população mais pobre, negra, oprimida. Os números de mortes não param de crescer e, o que é mais angustiante, também não diminui essa combinação cruel de cinismo, descaso e negacionismo. O Brasil está sendo, hoje, território de um projeto de extermínio. Claro que há resistências e movimentos que nos mantêm vivos e esperançados. E por isso escrevemos e damos a ler, para resistir à morte e esperar com outras vidas e outros mundos.

Nesse contexto asfixiante, recebi o convite carinhoso e amigo para escrever uma contribuição para o dossiê “Tempos fundantes, tempos presentes: 100 anos de Paulo Freire” para a *Estudos Universitários*: revista de cultura, da UFPE, criada por Paulo Freire em 1962. Meu sentimento mais forte foi logo o de querer participar. Senti-me muito lisonjeado pelo convite e pela oportunidade de participar da comemoração do aniversário secular do patrono da educação brasileira numa revista de sua própria criação. Como dizer “não” a um convite para cantar parabéns na sua terra? De modo que demorei pouco tempo para aceitar o convite, mesmo com todos os compromissos de escrita e leitura que tenho e sem saber muito bem sobre o que e de que forma iria escrever o texto.

Comecei, então, um outro processo, mais demorado, mas igualmente bonito, antes de começar a escrever. Queria manter-me

sensível ao convite e à comemoração. Como se diz habitualmente, desejava estar à altura (ou à baixura, pois as coisas minimamente importantes no mundo não costumam ter muita altura e a linguagem formal às vezes não nos ajuda a apreciar o valor do baixo, do pequeno, do que está perto da terra). Ruminei bastante sobre o tema acerca do qual poderia escrever. Fiquei por um tempo nesse tempo infantil maravilhoso em que parece que podemos escrever todas as histórias do mundo; um tempo anterior ao começo. Lembrei-me daquele maravilhoso livro falado de Paulo Freire com o educador norte-americano Myles Horton, em que, desde o título, celebram o poeta espanhol Antonio Machado, afirmando a educação como um caminho que se faz no próprio caminhar (FREIRE; HORTON, 2018). E pensei, então, que era mesmo necessário começar sem saber precisamente sobre o que iria escrever, e que o tema e a forma da escrita chegariam no próprio caminho do escrever.

Pensei que, dessa maneira, a presente escrita começaria homenageando Paulo Freire antes mesmo de começar, num sentido bem preciso e potente da palavra: o de não fixar um caminho ou método, mas o de se afirmar em alguns pontos de partida e sentidos, quais sejam, a curiosidade e o compromisso político. Senão, o próprio Paulo Freire que o diga, como quando ele responde a uma pergunta sobre os efeitos do seu “método”:

Eu preferiria dizer que não tenho método. O que eu tinha, quando muito jovem, há 30 anos ou 40 anos, não importa o tempo, era a curiosidade de um lado e o compromisso político do outro, em face dos renegados, dos negados, dos proibidos de ler a palavra, relendo o mundo (PELANDRÉ, 2014, p. 14).

É muito forte e bonito esse depoimento: curiosidade e compromisso político desde antes de começar. E, depois de começar, se manter sempre no começo, como Paulo Freire diz naquele mesmo livro a Myles Horton: “Estou sempre no começo como você” (FREIRE; HORTON, 2018, p. 78), o que é uma outra forma de dizer que a educação é uma tarefa de começos, e que o educador, comprometido com seu povo, é uma figura curiosamente infantil, qualquer que seja a sua idade, o seu tempo cronológico. Por infantil queremos dizer irreverente, inquieto, inesperado, incomum, sonhador, curioso, errante, amoroso, terno, frágil, intenso, brincalhão. Como apontado na passagem que acabamos de ler, não importa o tempo das idades e dos relógios; o que conta mesmo é começar um outro tempo com curiosidade e compromisso político. Ou para dizê-lo de outra maneira: começar com curiosidade e compromisso político talvez possa inaugurar um outro tempo. Será essa uma das tarefas da educação deste tempo tão terrível que vivenciamos? Não desistir e, com curiosidade e compromisso político, inaugurar um outro tempo para os/as proibidos/as de ler a palavra?

“o educador, comprometido com seu povo, é uma figura curiosamente infantil, qualquer que seja a sua idade, o seu tempo cronológico”

É extraordinária essa sensação de estar antes de começar e, ao mesmo tempo, começando. Começar sem começar. Começar antes de começar. Começar, sempre começar. Uma sensação pura-

mente infantil através da qual todas as línguas e as histórias parecem possíveis de serem contadas. E, quando estamos começando antes de começar com meninas e meninos tão infantis como os que nos estão acompanhando, em especial com um “menino permanente ou eterno” como Paulo Freire, a sensação de possibilidade, potência e alegria é ainda mais intensa². E assim escrevemos, experimentando um tempo presente, duradouro, brincando de escrever com nossos amigos infantis.

Enquanto começava dessa forma, sem começar e antes de começar, senti uma curiosidade pelo título do dossiê. Li com certa atenção e percebi que o tempo está muito presente nesse título, que contém várias palavras e expressões temporais: “tempos fundantes”, “tempos presentes”, “100 anos”. Elas dão muito a pensar. Por que tempos e não tempo? O que marca esse plural reiterado? Qual a relação entre “tempos fundantes” e “tempos presentes”? É uma relação de contraposição, inspiração, causalidade? Quantos e quais tempos contêm esses 100 anos? As perguntas são muitas... e eu poderia continuar perguntando. Afinal, estamos começando, e nada melhor do que começar com perguntas.

2. Estou aludindo, claro, ao depoimento da segunda esposa de Paulo, Ana Maria (Nita) Araújo Freire, que faz um belo tributo a essa relação íntima que o grande mestre pernambucano manteve com a infância durante toda sua vida num belo texto intitulado “Paulo Freire, o eterno menino”. O texto está publicado como prefácio de um livro de memórias sobre Paulo Freire, em inglês (Wilson; Park; Colón-Muñiz, 2010). Na homenagem a essa intensidade e intimidade com que Paulo Freire viveu meninamente toda a sua vida, Nita Freire sinaliza como ele teria “anunciado um novo, que só meninos de caráter puro, sério, de adulto, podem fazer” (p. xxv). Nesse mesmo texto, Nita Freire lembra o prêmio de “menino permanente” recebido por Paulo Freire da Biblioteca Comunale di Ponsacco, em Pisa, na Itália, em 31 de março de 1990.

Paulo, Che e um menino inesperado: amor, infância e revolução

*O intelectual precisa saber que a sua capacidade crítica
não é superior nem inferior à sensibilidade popular*

(FREIRE; FAUNDEZ, 2017, p. 58)

A partir dessas perguntas, pensei, então, na relação de Paulo Freire com a temporalidade e como há pelo menos dois tempos que atravessam a sua obra e a sua vida: o tempo linear, por meio do qual contamos os processos historiográficos, e o tempo circular da infância, da arte, do amor; o tempo adulto que transcorre e o tempo da infância que permanece; o tempo crescido dos estabelecimentos educativos e o tempo de se alfabetizar à sombra de uma mangueira no quintal de sua antiga casa no bairro de Casa Amarela, na Recife natal; o tempo móbil, numerado, calendarizado em passado e futuro das instituições sociais e o tempo presente da leitura que lê mundos e palavras. Pensei que poderia ser uma boa oportunidade de retomar e repensar essa dupla temporalidade que atravessa a oposição entre o fundante e o presente; entre o tempo dos 100 anos e de uma vida que não parece possível de ser quantificada no tempo das idades; uma vida que habita, neste presente mais do que nunca, uma temporalidade infantil que permanece entre nós.

Na relação de Paulo Freire com
a temporalidade e como há pelo
menos dois tempos que atravessam
a sua obra e a sua vida: o tempo
linear, por meio do qual contamos
os processos historiográficos, e o
tempo circular da infância, da arte,
do amor

Nesses tempos e nessa vida pensava, ainda nesse momento mágico de começar antes de começar, quando me lembrei de algo que me disse Lutgardes Costa Freire, o filho caçula de Paulo Freire, em uma entrevista que fizemos no Instituto Paulo Freire, em São Paulo, em novembro de 2018, e que depois foi publicada como introdução no meu livro *Paulo Freire mais do que nunca* (KOHAN, 2019). Durante a entrevista, Lutgardes lembrava o tempo em que ele queria estudar música e temia que seu pai pudesse querer outro caminho para sua vida; mas a resposta de Paulo Freire ao desejo de Lutgardes de tocar bateria e ser músico foi muito tranquilizadora: “Tudo bem, meu filho. Você pode fazer o que você quiser. Mas me prometa uma coisa: que isso que você vai fazer vai ser feito com amor” (KOHAN, 2019, p. 45). Lutgardes poderia estudar o que ele bem entendesse; a questão não era o que ele iria estudar, mas a forma de se dedicar ao estudo: estudar *amorosamente* qualquer que fosse a matéria ou assunto a ser estudado.

Quando estamos nesse tempo de começos, uma lembrança puxa outra lembrança e esta lembrança me fez pensar que, se estou escrevendo para um dossiê sobre Paulo Freire, então não impor-

taria muito sobre o que eu poderia escrever: poderia ser sobre os tempos ou qualquer outra coisa, mas eu deveria escrever com amor. Penso que essa seria, afinal, a minha melhor homenagem a Paulo Freire: oferecer-lhe uma escrita amorosa. E, ao mesmo tempo, essa seria uma condição para qualquer escrita ensaiada, especialmente, para um dossiê comemorativo: escrever amorosamente. E então lembrei-me de um conterrâneo meu, Ernesto Che Guevara, e de um dos seus textos, o que coloquei como epígrafe deste ensaio, onde afirma que o amor é também a condição de um verdadeiro revolucionário.

Penso que essa seria, afinal, a
minha melhor homenagem a Paulo
Freire: oferecer-lhe uma escrita
amorosa

Lembrei-me, também, que Paulo Freire cita esse mesmo texto do Che Guevara mais de uma vez, citando-o, por exemplo, numa nota de rodapé de *A Pedagogia do Oprimido*, para justificar que toda verdadeira revolução nasce do amor e só pode ser um ato amoroso (FREIRE, 2018, p. 189). Também o faz na *Pedagogia da Tolerância* para elogiar o Che, a quem qualifica nesse contexto de um pedagogo da revolução (FREIRE, 2018, p. 131). E perguntei-me se, assim como Che Guevara afirma que o verdadeiro revolucionário é, necessariamente, um ser amoroso, o verdadeiro amor não seria também necessariamente um ato revolucionário. E continuei me perguntando sobre as diversas formas de ser revo-

lucionário e de ser amoroso e das possíveis combinações entre elas. Perguntei-me, também, o que pensaria Paulo Freire dessa exigência feita ao amor. E voltei a sentir a alegria de um começo cheio de curiosidade infantil e de compromisso político.

Logo pensei na infância, que é algo tão importante para Paulo Freire. Pensei nos amores infantis, na amorosidade infantil e na infantilidade do amor. Pensei também nas relações entre amor, revolução e infância. E veio logo uma nova lembrança: o final de *Por uma pedagogia da pergunta*, obra em que Paulo Freire diz que a revolução nicaraguense é uma revolução menina “não porque recém-chegada, mas pelas provas que estava dando de sua curiosidade, de sua inquietação, de seu gosto de perguntar, por não temer sonhar, por querer crescer, criar, transformar” (FREIRE; FAUNDEZ, 2017, p. 231). Em outras palavras, uma revolução verdadeira não é apenas amorosa; ela é também menina e a meninice revolucionária não tem a ver com uma idade ou número de anos, mas com a força para viver algo tão sério quanto uma revolução de forma curiosa, inquietamente infantil e sem medo de sonhar, criar, transformar. Pensei, então, que Paulo Freire muito provavelmente concordaria em chamar o Che Guevara de um menino amorosamente revolucionário. E que a meninice é mesmo uma potência revolucionária de qualquer vida e que, nas vidas educadoras, ela vive alimentando e alimentando-se de revolucionárias pedagogias, pedagogias meninas, pedagogias da pergunta.

E de tanto pensar em meninice, amor e revolução me veio uma lembrança forte de um menino amoroso e revolucionário que senti que poderia se fazer presente neste texto para o dossiê pelo seu caráter imprevisto, intempestivo (outra vez o tempo!) e surpreendente. E também porque foi chegando quase sem querer, sem

pensar muito, apenas atentando para a sensibilidade dos meninos revolucionários que a povoavam. Senti que valia a pena experimentar esse caminho pela estranheza que poderia gerar mais ainda num país como o Brasil, em que esse menino não é tão amado como em outras terras, onde até circula em torno dela uma certa reputação degradada, propagada em especial pelas mídias dominantes. E como esta escrita ela própria sente-se menina, amorosa e revolucionária, senti que essa peraltagem menina merecia ser escutada e acolhida.

Eis então que a escrita acolhe este outro menino: Diego Armando Maradona. Imagino a surpresa, estranheza e espanto de muitos leitores e leitoras: “O quê??? Diego Maradona e Paulo Freire??? Como seria possível? Ele pirou? O que tem a ver um com o outro? Eles não seriam, na verdade, opostos? Essa ideia só podia vir mesmo de um argentino...”. Sinto todas essas vozes. Não são sem fundamento nem sem graça. Porém, sugiro aos leitores e leitoras se acalmarem e respirarem fundo. E dar um certo tempo (!) à presente escrita. Sei que estou pedindo algo impossível, algo que ninguém tem: tempo. Mas, talvez, o que esteja mesmo pedindo, mais do que a entrega de uma quantidade de tempo, seja uma certa atenção a um outro tempo para além do dominante em nossas vidas: o tempo, por exemplo, de uma verdadeira experiência da leitura, esse tempo lento, paciente, demorado que transcorre quando lemos pelo prazer de ler sem esperar nada mais e nada menos do que a leitura da leitura. O mesmo tempo de brincar, criar e amar. Esse tempo circular, presente, duradouro. Peço aos leitores e às leitoras que recordem (recordar: voltar a passar pelo coração) seu tempo de infância.

“O quê??? Diego Maradona e Paulo Freire??? Como seria possível? Ele pirou? O que tem a ver um com o outro? Eles não seriam, na verdade, opostos? Essa ideia só podia vir mesmo de um argentino...”

Algumas objeções contra um menino danado e nada santo

Los pueblos lo guardarán a Diego en sus corazones, y demostrarán, una vez más, que los humildes entienden de la gratitud, que es una forma de la ética, mucho más que los profesionales de la información
(RUSSO, Sandra, 2020, n. p.)

Enquanto esperamos que esse tempo nos arremeta, vamos considerar algumas objeções ao meu menino³. Elas poderiam ser de diversos tipos. Alguém poderia sugerir que Diego Maradona e Paulo Freire habitavam mundos muito diferentes e dedicaram sua vida a atividades distintas: um dedicou sua vida ao futebol e o outro, à educação. Não deveríamos relacionar Maradona com Pelé (ou Messi ou Garrincha, Ronaldo, enfim, poderiam ser outros nomes, mas sempre nomes dentro do mundo do futebol) e Paulo Freire com Gramsci, Pestalozzi, Maria Montessori ou outros nomes,

3. Peço desculpas às meninas leitoras porque parece que só encontro meninos amorosos e revolucionários. É um defeito de formação que já foi percebido e estou me esforçando para superar.

mas sempre dentro do mundo acadêmico ou intelectual? O que o futebol e a educação têm a ver entre si?

Por que devemos manter-nos
dentro de campos fechados como se
fossem compartimentos estanques
e sem conexão com outras formas
de habitar a vida social?

Entendo e não desconsidero essas questões. Mas, para dizer a verdade, encontro pouco sentido nelas... Por que devemos manter-nos dentro de campos fechados como se fossem compartimentos estanques e sem conexão com outras formas de habitar a vida social? Por que pensar ou desenhar conexões de uma forma estreita e compartimentada e não de outra forma mais ampla e interconectada? Também poderíamos simplesmente nos perguntar “por que não problematizar e considerar as diversas dimensões e atores da vida social da forma que consideramos interessante?”, a cada vez que alguém aparece querendo interromper uma linha de pensamento ou de escrita... Porque sempre que alguém diz que “isso não deveria ser pensado ou escrito” o pensamento e a escrita sofrem. Por que não considerar a pertinência de uma conexão depois de essa conexão ser feita, em vez de antes? Afinal, as ideias mais inusitadas costumam vir das conexões menos esperadas e previsíveis, de modo que não estou muito preocupado com o fato de que não seja uma conexão esperável ou habitual entre habitantes de um mesmo campo; ao contrário, isso parece ser mais um estímulo do que um impedimento.

Poderiam existir, porém, outras objeções, talvez mais sérias. Outras pessoas poderiam replicar que ambos tinham formas de vida muito distintas, que Diego Maradona e Paulo Freire se relacionavam de formas bastante diferentes com a sociedade de consumo, o dinheiro, as tentações do capital. De maneira alguma pretendo negar essas (e outras) diferenças nos modos de vida desses dois meninos. Porém, gostaria de destacar algumas intersecções que atravessam essas diferenças: uma origem pobre em comum que incluiu a experiência da fome e das privações em si mesmos e nos seres queridos em casa; uma relação igualmente generosa com as pessoas da mesma classe social a partir do momento em que eles puderam viver uma vida mais abastada; e um reiterado e repetido retorno aos lugares e pessoas de origem, assim que as condições permitiram.

No Brasil, a mídia hegemônica tem
construído uma imagem de Diego
Maradona como uma espécie de
demônio e mau exemplo moral para
a juventude

Claro que as objeções poderiam não parar por aí; alguém poderia questionar, por exemplo, como seria possível entrelaçar uma pessoa defensora da ética nas práticas educativas e na vida em geral com uma pessoa viciada em drogas. Aqui as coisas tornam-se ainda mais complexas e interessantes; e este menino que está começando a escrever sorri porque sabe que tem aí muito pano para manga, porque, no Brasil, a mídia hegemônica tem construído uma imagem de Diego Maradona como uma espécie de demô-

nio e mau exemplo moral para a juventude. É bom notar que, agindo dessa forma, a mídia trata o problema das adições como um problema moral individual e não como uma questão de saúde e educação públicas. Também é importante perceber que pensar que Diego Maradona é apenas o que essa mídia careta e conservadora oferece como sua imagem seria mais ou menos como seguir a imagem que defensores da Escola sem Partido (ESP) fazem de Paulo Freire. Alguém lendo estas palavras conseguiria aceitar, por exemplo, a descrição ideologicamente mentirosa que Thomas Giulliano oferece do Patrono da Educação Brasileira em alguns dos seus textos e intervenções⁴? Vamos ver essas questões mais de perto.

Em audiência pública na Câmara dos Deputados em março de 2017, por exemplo, Giulliano cita, em forma descontextualizada e isolada, um trecho do terceiro capítulo da Pedagogia do Oprimido: “Uma primeira condição a ser cumprida é que, necessariamente, devem representar situações conhecidas pelos indivíduos cuja temática se busca, o que as faz reconhecíveis por eles, possibilitando, desta forma, que nelas se reconheçam” (FREIRE, 2018, p. 38). Em seguida, sem mais, tira a seguinte conclusão: “É desrespeitoso julgar que todo aluno dentro de uma sala de aula tenha obrigatoriedade de conhecer cocaína, conhecer loló e não conhecer o colo

4. Thomas Giulliano é autor do livro *Desconstruindo Paulo Freire*, que é promovido pelo site www.historiaexpressa.com.br. No Boletim da Liberdade (disponível em: <https://www.boletimdaliberdade.com.br>, acesso em: 22 set. 2017), ele oferece entrevista a Diego Casagrande sobre Paulo Freire; em anos recentes, Giulliano foi uma das vozes falidas que pediam o cancelamento do título de Patrono da Educação Brasileira outorgado a Paulo Freire por lei, em 2012.

de sua mãe [...]”⁵. Acreditar que esse testemunho ofuscado e cego pela sua própria ideologia – que conecta a necessidade estabelecida pelo mestre pernambucano de partir de situações conhecidas pelos educandos a um suposto conhecimento obrigatório de cocaína – tem alguma coisa a ver com Paulo Freire é mais ou menos como pensar que o retrato da mídia dominante de Diego Maradona como um cocainômano pode nos ajudar a perceber o valor e o sentido de uma vida como a do jogador argentino⁶.

Não pretendo que o leitor ou a leitora mudem sua forma de pensar, que talvez tenha sido construída ao longo de bastante tempo. Mais uma vez, o tempo. Desta vez um tempo medido em quantidade de tempo. Apenas quero lembrar-lhes, leitores e leitoras, de que estou esperando que encontrem tempo. Não um tempo medido em quantidade, mas um tempo de infância. Fiquem atentos e atentas, porque, pelas dúvidas, pode surgir, na recordação, aquele tempo do brincar, o mesmo tempo do pensar, perguntar, criar e amar.

5. O depoimento está na audiência pública na Câmara dos Deputados do PL 7180/14 - ESCOLA SEM PARTIDO, em 21 mar. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FAS6T78rBv8&abchannel=C%C3%A2maradosDeputados>, Acesso em: 2 abr. 2021.

6. Certamente, Diego Maradona era adicto à cocaína, mas isso não faz dele um vilão, senão uma vítima de um problema social muito grave. Maradona nunca negou sua adição e nunca drogou-se para tirar alguma vantagem esportiva. Ao contrário, em repetidas vezes ele se lamentou e alertou os jovens sobre os perigos do vício. Ele, inclusive, chegou a indagar, em diálogo com o cineasta sérvio Emir Kusturica: “Você imagina o jogador que eu teria sido se não tivesse consumido cocaína?” (Documentário “Maradona by Kusturica”, 2008).

Dois meninos de esquerda

O nosso sonho é o de criar uma sociedade em que uma minoria não explore as maiorias. Criar uma sociedade em que, por exemplo, perguntar seja um ato comum, diário...
(FREIRE; FAUNDEZ, 2017, p. 109)

Enquanto confio que esse tempo já tenha chegado ou esteja começando a chegar, quero logo chamar a atenção sobre um forte ponto em comum entre Diego Maradona e Paulo Freire: os dois pensavam que o que faziam – jogar bola e educar – era um ato político. Por isso foram amados e odiados. E, quase sem querer, surgiu outro aspecto em comum: ninguém era indiferente a eles. Ambos despertavam e ainda despertam os amores e ódios mais acirrados, mas dificilmente geram indiferença. Isso talvez tenha a ver com o fato de que os dois assumiram a dimensão política de suas ações e perceberam a si próprios como atores políticos que tomavam posição constantemente no contexto em que estavam vivendo. Além disso, seus amigos e inimigos também são coincidentes: seus amigos são os amigos do povo; seus inimigos são os inimigos do povo.

Seus amigos são os amigos do povo;
seus inimigos são os inimigos do
povo

Estamos ainda começando a escrever e, a partir deste início recém-percebido, os pontos em comum não param de aparecer: além de os dois se perceberem como agentes políticos, ambos também compartilhavam uma mesma posição política: eram, diga-

mos, de “esquerda”. Sei do valor de algumas palavras e também das dúvidas que algumas palavras geram. Poderíamos usar, inclusive, outras palavras para exemplificar essa coincidência: “comunistas”, “socialistas”, “progressistas” ou, até mesmo, uma palavra que já usamos, “revolucionários”. Contudo, preferimos a expressão “de esquerda”. Mas o que é ser de esquerda?

Às vezes, recordar a origem de algumas palavras ajuda a entendê-las. Pois bem, parece que os primeiros usos com sentido político das palavras “esquerda” e “direita” remontam à Revolução Francesa, em 1789, e eles são bastante elucidativos, pois os que estavam à esquerda do Presidente da Assembleia Nacional eram justamente os revolucionários, enquanto os que estavam à sua direita eram os conservadores, os partidários da monarquia. Os que estavam à esquerda estavam inconformados, revoltados com o estado das coisas; eram partidários do movimento; já os que estavam à direita queriam mantê-lo; eram partidários da quietude. Ou seja, Diego e Paulo teriam sentado do mesmo lado, à esquerda do Presidente da Assembleia.

Diego e Paulo também compartilhavam admirações e apreciações, a exemplo das afirmativas sobre as revoluções cubana e sandinista. Diego não era um intelectual, portanto, não escrevia e citava Che, mas o tinha tatuado na pele (como também tinha uma tatuagem de Fidel Castro) e lembrava-se dele amorosamente⁷. Admirava a Revolução Cubana, seu sistema de saúde e seus logros na educação

7. Diego Maradona visitou várias vezes Fidel Castro em Cuba, onde, inclusive, fez vários tratamentos de saúde. Tinha grande admiração pessoal e política pelo líder cubano, a quem se referia como um segundo pai. O destino acabou os unindo no dia da morte: 25 de novembro (Castro, de 2016; Maradona, de 2020).

e na eliminação da pobreza. Em diversas ocasiões, manifestou seu apoio ao mesmo Partido dos Trabalhadores (PT) que Paulo Freire ajudou a fundar e, mais recentemente, solidarizou-se com Dilma, quando esta sofreu o Golpe, e com Lula, quando este foi impedido de concorrer às eleições de 2018. Nas imagens abaixo, podemos ver Diego apoiando a candidatura de Lula (na legenda do *post* no Facebook de Diego, lia-se “Un soldado de Lula y Dilma Rousseff”) (Figura 1); Diego e Evo Morales na Marcha contra o Neoliberalismo, em 2005 (Figura 2); e Diego e Dilma Rousseff (Figura 3).

Quando Diego Maradona morreu, no dia 25 de novembro de 2020, com sessenta anos, o mundo ficou mais triste. Amigos e parceiros de Paulo Freire, como Lula e Dilma, também ficaram igualmente entristecidos. “Foi um gigante do futebol, da Argentina e de todo o mundo, um talento e uma personalidade única”, disse Lula. “Maradona foi um incansável defensor dos pobres, da luta contra a desigualdade na Argentina, no Brasil e em toda a América Latina”, lembrou Dilma. Dentro e fora da Argentina, Diego Maradona sempre se posicionou politicamente; e sempre o fez do mesmo lado: dos trabalhadores, explorados e excluídos.

Diego Maradona, dentro e fora dos gramados, foi um militante dos mais castigados, debilitados, oprimidos. O mestre de Fiorito tentou proteger os direitos dos futebolistas como trabalhadores e, por várias vezes, arriscou criar sindicatos de futebolistas, enfrentando a Federação Internacional de Futebol (Fifa) em diversas ocasiões, em defesa de colegas menos conhecidos e com menos poder para defender seus direitos. Também participou de diversas manifestações políticas nas ruas em diversos lugares do mundo: na Bolívia, para apoiar seu reclamo de saída ao mar; na Venezuela, para exigir o fim do bloqueio estadunidense; e no Oriente Médio,

1

2

3

Figura 1. Maradona apoiando a candidatura de Lula em 2018. Fonte: Reprodução do perfil de Diego Maradona no Facebook, 2018.

Figura 2. Diego e Evo Morales na Marcha contra o Neoliberalismo, em 2005. Fonte: Jacobin Brasil, 2020.

Figura 3. Diego e Dilma Rousseff. Fonte: IstoÉ, 2020.

para apoiar o povo palestino e condenar a ocupação do Estado de Israel. A lista de suas manifestações políticas seria interminável. Muitas vezes, Maradona custeava do próprio bolso viagens de apoio a causas políticas de esquerda. Em seus anos de jogador do Napoli, foi considerado um símbolo de esperança na luta do Sul pobre contra o Norte rico e, naqueles tempos, pela única vez na história do futebol italiano, um time do Sul da capital italiana conquistou o campeonato italiano. Contudo, talvez a mais chamativa das suas manifestações tenha sido em novembro de 2005, quando, junto a figuras como Evo Morales e Hugo Chávez, liderou a multitudinária Marcha contra o Neoliberalismo, o Tratado de Livre-Comércio e a III Cúpula dos Povos pela unidade latino-americana, em Mar del Plata, na Argentina.

Para alguém de esquerda, o foco
é no universo, depois no planeta
Terra, depois no continente
americano, depois em nossos
países, em nossa cidade, em nossa
vizinhança e, no final, só no final,
no indivíduo

Desde uma perspectiva mais conceitual, podemos também buscar ajuda de uma filósofa ou filósofo para uma análise mais aprofundada da expressão “de esquerda”. Para isso, aludimos a Gilles Deleuze, que diz que ser de esquerda é uma questão de percepção (DELEUZE, 2001): quem é de esquerda percebe como mais importante o comum, geral, coletivo e como menos impor-

tante o individual. Bem, é essa percepção que une Paulo e Diego: uma certa percepção da relação entre o individual e o coletivo. Para simplificar, digamos que, para alguém de esquerda, o foco é no universo, depois no planeta Terra, depois no continente americano, depois em nossos países, em nossa cidade, em nossa vizinhança e, no final, só no final, no indivíduo. Alguém de esquerda pensa que o importante é o todo, o coletivo, o comum, o povo... No futebol, diríamos que alguém de esquerda está preocupado com o sucesso ou insucesso do time, e não tanto com sua sorte pessoal; ou então, com a turma, o bairro, a comunidade... O particular, o individual, só está depois do coletivo. Não é que o individual não tenha importância, claro que tem, mas, para alguém de esquerda, como Diego e Paulo, o mais importante é sempre o coletivo.

Diego é argentino e Paulo é
pernambucano, mas ambos
percebem e habitam o mundo muito
além dessas fronteiras

Claro, o caminho da percepção pode ser muito diferente do caminho do que é importante: não começamos a perceber o todo, alguém começa a ver o mundo desde suas origens para ver para além desse contexto, e não o contrário. É por isso que nenhum dos dois nunca pôde se separar de suas origens, de seu povo, de sua aldeia e, assim, retornaram sempre que possível a Fiorito, a favela que viu nascer Diego, e ao Recife, cidade natal de Paulo. Ambos conseguiram se conectar de maneira extraordinária com o todo por não se negarem e levarem sempre consigo suas respectivas particularidades.

E, à medida que crescem (em idade e em percepção dos atravessamentos do mundo social), eles passam a ser mundanos; sem deixar de se sentirem parte de sua aldeia e passando a estar cada vez mais atentos a um campo mais amplo, um pouco além da própria aldeia... Diego é argentino e Paulo é pernambucano, mas ambos percebem e habitam o mundo muito além dessas fronteiras. Paulo costumava dizer quando voltou do exílio:

Antes de tornar-me um cidadão do mundo, eu era e sou cidadão do Recife, a que cheguei a partir do meu quintal num certo bairro do Recife, o de Casa Amarela. Quanto mais enraizado na minha localidade, tanto mais possibilidades tenho de me espriar, de me mundializar. Ninguém se torna local a partir do universal. O caminho é o inverso. Eu não sou primeiro brasileiro (a não ser legalmente) para depois ser recifense. Sou primeiro recifense, pernambucano, nordestino. Depois, brasileiro, latino-americano, gente do mundo (FREIRE, 2013, p. 41).

Quanto mais enraizados em nossa localidade, maiores são as possibilidades de nos tornarmos mundanos. Quanto mais sensíveis às nossas origens, mais força para voar por outros mundos. Diego e Paulo levaram seus primeiros mundos com eles ao redor do mundo. Apresentaram-se ao mundo com seus mundos presentes neles. Nunca se desprenderam deles. Ambos nasceram num contexto em que sentiram fome, mas também alegria: a alegria de jogar bola na rua, ainda de noite e sem muita luz na várzea em Fiorito, Província de Buenos Aires; ou nas ruas de Jaboatão dos Guararapes, com umas bolas que sequer eram bolas... Ambos viveram num mundo deste lado, no sul, um mundo colonizado, explorado, oprimido... A partir dessa experiência, aprenderam também a ser habitantes

de um mundo muito maior e – aqui vem um sentido preciso de ser de esquerda – eles se posicionaram sempre e de todas as formas possíveis contra este estado de coisas; os dois se posicionaram, tomaram partido, nunca se eximiram. Na Argentina, Diego esteve sempre do lado das mães e avós da Praça de Maio, condenando os crimes da ditadura, repudiando as políticas neoliberais do governo Macri e defendendo os aposentados, sem-teto e outras formas de exclusão; assim como Paulo defendia, até em seus últimos depoimentos, as marchas dos Sem Terra em 1997 e também dos que não têm escola, dos que não podem amar e dos desobedientes.

Diego e Paulo eram dois meninos
desobedientes, incomodados e
incomodantes. Eles nunca se
acomodaram ou fizeram cálculos
econômicos ou políticos na hora
de denunciar e combater a fome, a
opressão, a miséria...

Ser de esquerda é, precisamente, ser desobediente, incomodado e incomodante. Diego e Paulo eram dois meninos desobedientes, incomodados e incomodantes. Eles nunca se acomodaram ou fizeram cálculos econômicos ou políticos na hora de denunciar e combater a fome, a opressão, a miséria... e, aqui, talvez encontremos um novo sentido do ser de esquerda: eles também sentiram as forças afirmativas que habitam este estado próprio de nossa realidade colonizada, atropelada, explorada, esfarrapada; as potên-

cias afirmativas na cultura popular, a valorização da música, da arte, da dança, do amor... Eles sentiram-se sempre parte daquela mistura de dor e alegria que emana destas terras... e fizeram um corpo das forças afirmativas que nos habitam e, com esse corpo, denunciaram e lutaram contra o poder que oprime onde quer que se expresse: num campo de futebol, numa escola, nas instituições que nos desgovernam... sem desesperançar e sem perder a ternura jamais, como diria aquele outro menino argentino já citado nestas palavras.

Diego e Paulo sempre estiveram de um mesmo lado, “deste lado”, do sul, *suleando*, como diria Paulo (FREIRE, 2014)⁸, e com aqueles que estão deste lado. Não se trata de uma questão de identidade, nascimento ou geografia. Há um sul na Europa, em Nápoles, o sul do Sul no Norte, precisamente onde Diego encontra sua outra casa e sua política contra o Norte opressor; há também um sul na Ásia, em Bangladesh, onde comemoram, como em Fiorito, os gols contra os ingleses, especialmente o gol com a mão que quebra as regras contra um opressor que usa o direito para perpetuar sua opressão; há um sul na Oceania, na África: há um sul no Brasil, na Guiné Bissau, na Tanzânia, em Cabo Verde e na Nicarágua, onde Paulo se encontra em casa, por exemplo. Haverá um sul onde for necessário recriar a alegria ou recriar uma leitura mais sensível e atenta do mundo e da própria história.

8. Nas notas do livro *Pedagogia da Esperança*, Anita Freire afirma a respeito do termo “*suleá-los*” que “Paulo Freire usou esse termo, que na realidade não consta dos dicionários da língua portuguesa, chamando a atenção dos leitores(as) para a conotação ideológica dos termos *nortear*, *nortear-la*, *nortear-se*, *orientação*, *orientar-se* e outras derivações” (FREIRE, 2014, p. 294).

É por isso que Diego e Paulo são de esquerda, revolucionários, porque nunca deixaram de sentir e habitar o mundo a partir da pobreza, da marginalidade e das necessidades coletivas vividas na infância cronológica; porque sempre privilegiaram o coletivo para denunciar, questionar e objetar aquele estado de coisas que se expande para muito além de seu lugar de pertencimento; por isso geram tantas emoções, adesões e simpatias nos lados mais distantes do mundo. Há, portanto, uma “comunalidade” em Diego e Paulo, no sentido de algo comum, que qualquer um, sim, qualquer um que esteja deste lado – não geográfica, mas existencialmente –, em qualquer lugar do mundo, pode sentir e compartilhar...

Dois meninos amorosos

*Siempre le tuve muchísimo miedo a mi muerte, pero hoy ya no ...
¡Porque sé que ese va a ser el momento que voy a volver a verte y
abrazarte de nuevo!*

(MARADONA, Dalma, 2020)

Da política ao amor, há apenas um passo. Os dois amavam o que faziam, a vida política que levavam. Amavam-na com um amor infantil, sensível à infância; por isso, foram vidas cheias de infância. De um lado, um menino eterno, permanente, que troca cartas desde seu exílio em Santiago, capital do Chile, com sua amiga mais nova, Nathércia Lacerda, sua sobrinha-prima de nove anos, na época que morava no Rio de Janeiro (LACERDA, 2016). Paulo sofreu a ditadura na própria pele e, desde o exílio, trocava com ela correspondências infantis, em que escrevia suas experiências de menino-adulto no

mundo surpreendente e diferente da sua nova realidade e transmitia um cuidado extraordinário com a experiência, própria e alheia, de ser criança e também uma amorosidade pela infância que se traduz nas recomendações de preservar uma vida infantil, curiosa e inquieta em todas as idades.

Do outro lado, um menino que, mesmo profissional do futebol, vai ao treinamento com as flores que a filha mais velha, Dalma Maradona, tinha colocado nas suas meias, como podemos notar nas Figuras 4 e 5⁹.

4

Figura 4. Dalma colocando margaridas nas meias do pai.

Fonte: @dalmaradona (Instagram), 2020.

9. Essas e outras fotos sobre essa amorosa cena encontram-se reproduzidas em: <https://www.parati.com.ar/la-secuencia-y-la-historia-detras-de-la-foto-mas-tierna-que-dalma-maradona-eligio-para-despedir-a-su-papa/>. Acesso em: 15 jun. 2021.

5

Figura 5. Diego no treinamento, com as margaridas colocadas por Dalma nas meias. Fonte: Parati, 2020.

As imagens são eloquentes. Na primeira, a intimidade de uma relação e uma brincadeira infantil: a menina coloca flores na vestimenta do pai; mais precisamente nas meias que cobrem suas pernas, uma das partes principais do corpo de um jogador de futebol, com as quais ele chuta a bola; a mesma bola sobre a qual Diego está sentado enquanto Dalma adorna suas pernas. Uma outra bola está também na cena cobrindo parte do corpo da Dalma. Ele parece muito concentrado na atividade da menina. Não está distraído ou chateado. Ao contrário, está participando da mesma atividade e acompanha com muita seriedade o feito da Dalma. Na outra imagem, Diego está correndo no treinamento no estádio San Paolo com as meias decoradas por Dalma. É uma forma de levar a menina consigo, mas também de manter o amadorismo na vida profissional, de cuidar da amorosidade no trabalho, de dar lugar à infância no mundo sério dos adultos; é, por fim, uma forma de mostrar amor à infância e de habitar uma vida amorosamente infantil. Quando Diego morreu, em novembro do ano passado, a mesma Dalma, já com idade adulta, mas ainda na infância, publicou uma carta de despedida com a primeira dessas fotos e, entre outras coisas, afirma: “Não foi preciso muito para amá-lo. [...] A vida é curtinha, então nos vemos em breve. Vou trazer-lhe margaridas para decorar suas meias de jogador e, por favor, olhe para mim novamente com aquele amor que se percebe na foto, te amo para sempre!”¹⁰.

10. A carta completa foi publicada na conta no Instagram de Dalma, @dalmaradona, em 27 de novembro de 2020.

Os meninos Diego e Paulo, cada um ao seu jeito e nos seus contextos, mantêm uma relação muito intensa com a infância. Por um lado, como temos visto, com a infância das crianças. Sabemos como Paulo considerava que uma das melhores coisas que ele fez na sua vida foi “manter vivo o menino que não pude ser e o menino que eu fui, em mim”, como afirma em junho de 1988, com 66 anos, durante uma palestra sobre educação e direitos humanos na Universidade de São Paulo (FREIRE, 2001, p. 101). E logo acrescenta que com sessenta anos ainda vive uma vida infantil e faz uma interessante referência aos seus companheiros de esquerda:

Sexagenário, tenho sete anos; sexagenário, eu tenho quinze anos; sexagenário, amo a onda do mar, adoro ver a neve caindo, parece até alienação. Algum companheiro meu de esquerda já estará dizendo: Paulo está irremediavelmente perdido. E eu diria a meu hipotético companheiro de esquerda: Eu estou achado: precisamente porque me perco olhando a neve cair. Sexagenário, eu tenho 25 anos. Sexagenário, eu amo novamente e começo a criar uma vida de novo (FREIRE, 2001, p. 101).

Que não se enganem alguns que pensam ser de esquerda: a infância, como o amor, diz-nos Paulo Freire, não pode ser esquecida numa vida revolucionária. Uma vida revolucionária é também uma vida infantil. Como a vida de Diego, treinando com as margaridas que a pequena Dalma tinha colocado em suas meias. Ou, como mostra Diego em outra extraordinária experiência, com Ali Turganbekov, um garoto do Cazaquistão que nasceu sem pernas e que

tinha um sonho: conhecer Diego Maradona¹¹. Eles se encontram, Diego o acaricia, o beija, o abraça... o abraça e joga com seus bonés, com sua aparência, com seu corpo... mas como duas boas crianças, ambos queriam jogar bola e então isso fazem... falam idiomas diferentes, mas se entendem... brincam com outra criança, com corpo “normal”, com pernas... em uma parte da brincadeira, Diego e Ali jogam no mesmo time e o outro menino vai para o gol. Diego traça diversas estratégias – “dentro e fora das regras” – para que Ali faça um gol. Desenfreado, exultante, exagerado. É uma criança. Quando Ali chuta, Diego o aplaude... Distrai o goleiro para marcar um gol, quase como se fosse com a mão aos piratas ingleses. Em outra parte do encontro, Diego lança a bola para Ali com as mãos para que Ali possa marcar um gol de cabeça... Diego não para até que Ali marque um gol e comemora os gols que os dois fazem no outro menino como se fossem gols de uma final de Copa do Mundo; e, de certo modo, são...

Em todo o vídeo, Diego está inteiro brincando, sério, amorosamente, intensamente... Diego não é mais uma criança cronológica, tem 57 anos, está acima do peso, fora de forma, acima da idade, acima de tudo... homem de excessos, Diego já passou, faz muito tempo, da idade da infância e, mesmo assim, permite-se brincar e nada mais que brincar, porque ainda habita nele uma infância sem idade... inteiramente, como uma criança, inteiramente presente, em um tempo presente, ele oferece toda sua presença como um presente à criança que sonhou em conhecê-lo. Ele está neste tempo

11. O vídeo que filma o encontro está disponível em algumas versões no Youtube, por exemplo: https://www.youtube.com/watch?v=t6fA_7zGqbc&ab_channel=RTenEspa%C3%B1ol. Acesso em: 15 jun. 2021.

presente que, espero, meus leitores e leitoras estejam já sentindo. Há um detalhe muito significativo, no fim da brincadeira, Diego marca um gol contra Ali e grita fervorosamente. Parte da mesma mídia que o apresenta como um “mau exemplo” fez, inclusive, barulho nas redes cortando só esse trecho do vídeo e criticando Diego por esse gol e sua comemoração perante o menino. Mas é justamente o contrário, depois da acolhida amorosa, na hora do brincar, Diego não subestima o menino, não chuta lentamente ou se deixa fazer um gol porque Ali não tem pernas; nada disso: o trata como um igual. Diego Maradona, o melhor jogador do mundo, considera um menino cazaque sem pernas como um igual. Eis uma forma amorosamente revolucionária de se relacionar com um menino diferente.

Como disse Dalma, não era preciso muito para amar Diego. Assim como não é preciso muito para amar Paulo escrevendo meninamente cartas para uma menina em meio a uma vida muito agitada ou amar qualquer outro ser que vive menina ou infantilmente a vida, de forma irreverente, inquieta, inesperada, incomum, sonhadora, curiosa, errante, amorosa, terna, frágil, intensa, brincalhona. Como Diego mesmo confessou um dia: “De todos os apelidos que me foram dados, aquele que mais gosto é Pelusa porque me leva de volta à infância”¹². Como bem disse o menino, a força de um nome está em nos levar de volta à infância.

12. “De los apodos, el que más me gustó es Pelusa, porque me devuelve a la infancia. Me acuerdo de Fiorito, cuando jugaba por el sandwich y la Coca. Aquello era más puro”. Disponível em: <https://www.pagina12.com.ar/301632-maradona-60-anos-60-historias-60-frases>. Acesso em: 2 abr. 2021.

Para terminar, sem deixar de começar

Não apenas estamos sendo e temos sido seres inacabados, mas nos tornamos capazes de nos saber inacabados, tanto quanto nos foi possível saber que sabíamos o saber que não sabíamos ou saber que poderíamos saber melhor o que já sabíamos ou produzir o novo saber. E é exatamente porque nos tornamos capazes de nos saber inacabados que se abre para nós a possibilidade de nos inserir numa permanente busca.

(FREIRE, 2013, p. 131)

Há alguns outros aspectos que aproximam Diego e Paulo que gostaria de mencionar, mesmo que já não tenhamos espaço para desdobrá-los como mereceriam. Um deles é que Diego e Paulo são artistas e têm vivido artisticamente suas vidas. Não estou querendo dizer com isso que eles têm a técnica de um artista; o que quero afirmar é que eles fazem da vida uma forma de arte, uma arte que é contestada, rebelde, insurgente na busca de novas formas de viver não apenas para si mesmos, mas, sobretudo, para as oprimidas e oprimidos. Vivem em campos diferentes: esporte e educação, mas vivê-los artisticamente os une. Quero dizer também com isso que eles são artistas por não seguir modelos, por fazer o que sua arte pede deles e não o que se espera deles; são artistas, também, por quebrarem moldes e esperar o que não se pode esperar e é por isso que eles mesmos inventam, são personagens de sua própria história e de uma história muito maior. Vivem sua história como uma história de muita gente; muita gente vive na vida deles... são artistas do povo, de uma vida popular... são artistas que brigam, lutam, trabalham obstinadamente em sua obsessão de sonhos de mundos

melhores, mais bonitos, menos injustos... eles sonham e criam a partir desses sonhos: jogar na Copa do Mundo, ser campeão, acabar com o analfabetismo... esses são, para alguém de sua condição, sonhos impensáveis, impossíveis, e essa impossibilidade é uma força que alimenta sua fome inventiva. E também sua potência amorosa e revolucionária.

Outro aspecto que valeria a pena ser desdobrado em ambos é o desejo de errância que um e outro vão cultivando e afirmando em suas vidas. Eles não ficam parados! Não há maneira de detê-los. São errantes que vagam pelo mundo sem se estabelecerem em nenhum lugar... eles voltam para casa e precisam continuar viajando porque, como dissemos no início, o lugar deles é o mundo. Incansáveis, na viagem errante, levam consigo sua gente, sua terra, sua comida, seu sotaque, sua cultura. É verdade, eles nem sempre sabem para onde estão indo. Às vezes porque precisam sair de alguns lugares mais do que desejam chegar em outros. É o que acontece com Paulo por um curto período em La Paz, na Bolívia, e depois em Santiago, no Chile, ao ter que sair do Brasil para o exílio. É o que acontece com Diego ao chegar em Napoli para, na verdade, fugir de Barcelona. Eles sabem que, em alguns momentos, precisam sair de onde estão, porque, assim como geram amor no povo, geram ódio nos inimigos do povo... não são indiferentes, assim como nada lhes é indiferente: com eles ou contra eles. Seus inimigos dizem: “saíam daqui!”, “eles corrompem os jovens, são um mau exemplo”; “comunistas!”... justamente porque ambos trazem ideias estranhas para a sociedade ocidental, patriarcal, classista, racista, machista e homofóbica que seus inimigos ainda querem defender.

Lembro-me, agora, de uma outra coincidência. “Diego era um homem inacabado”, escrevia uma psicanalista argentina, amado por ter vencido a adversidade da sua origem social, mas também por nunca ter pretendido ser o que não foi ou nunca ter negado o que foi¹³. Poderíamos dizer que também Paulo não pretendeu ser o que não foi e nos ajudou a pensar essa condição de Diego de inacabamento como uma condição de qualquer ser humano. Paulo chamava isso de vocação – epistemológica e ontológica –, por ser mais, por conhecer mais. Diego não teve uma educação institucionalizada extraordinária, mas teve essa vocação cultivada na educação profunda de uma vida familiar amorosa, algo também coincidente com o menino Paulo, como narra em suas diversas autobiografias. Como Paulo, Diego viveu essa condição de inacabado com uma intensidade singular. Eles sempre quiseram mais, nada os satisfiziam. Lutavam. Conseguiram. Voltavam a lutar. Não conseguiam. Voltavam. Conseguiram. Caíam. Levantavam-se novamente. Mais uma vez, sempre queriam mais. E nunca se davam por vencidos.

Poderíamos continuar. Gostaríamos de continuar. Mas também já temos o bastante. Temos o amor, a infância e a revolução. O que mais poderíamos necessitar? Talvez, para terminar começando, seja interessante recordar o início desta escrita. Quando estávamos na infância de antes do começo. Estávamos no tempo presente do brincar, perguntar, criar, amar. Encontramos algumas perguntas e uma outra pergunta irrompe agora com força quando já estamos próximos a terminar: o que conecta Diego e

13. Trata-se de Sonia Bleichmar, morta em 2007. Quem refere-se a esse testemunho de forma brilhante é Sandra Russo (2020).

Paulo? Como antes de começar, não queremos responder. Gostamos muito do menino Paulo e de sua pedagogia meninamente revolucionária da pergunta. Sem respondê-la, oferecemos algumas palavras para pensá-la: Política? Amor? Infância? Arte? Errância? De tanto pensá-la, a pergunta se tornou muitas perguntas. E, com muitas perguntas, já não temos apenas perguntas, mas um mistério.

Precisamos encontrar uma forma de terminar. E não está fácil. Entre tantos meninos amorosos e revolucionários, quem pode querer terminar? Só mesmo meninamente. Com alguma peraltagem. Sei! Os leitores e leitoras vão terminar. Ou não. Podem decidir continuar. Ou voltar a começar. Ou voltar ao antes de começar. Ou seguir sonhando, como Diego, Paulo e esse tanto de meninos e meninas amorosas, revolucionárias, artistas infantis que, ainda em tempos tristes como os que vivemos hoje no Brasil, teimam em não deixar de lutar, sonhar, esperar. E por isso leem e escrevem. Perguntam e pensam. E amam e afirmam a vida, mesmo em tempos em que governa a morte.

6

7

Figura 6. Diego Maradona jogando num campo de várzea em Nápoles. Fonte: Marca, 2016.

Figura 7. Círculo de Cultura em Angicos, 1963. Fonte: Brandão, 2005.

Referências

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Paulo Freire: educar para transformar*. São Paulo: Mercado Cultural, 2005. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/Brasil/ipf/20130619042331/Freire.pdf>. Acesso em: 27 maio 2021.

‘DISSE QUE seu coração estava comigo’, afirma Dilma ao lembrar apoio de Maradona durante impeachment. *IstoÉ*, [s. l.], 26 nov. 2020. Disponível em: <https://istoe.com.br/disse-que-seu-coracao-estava-comigo-afirma-dilma-ao-lembrar-apoio-de-maradona-durante-impeachment/>. Acesso em: 27 maio 2021.

EL DIA que Maradona jugó en el barro por un niño enfermo. *Marca*, Madrid, 29 out. 2016. Disponível em: <https://www.marca.com/futbol/argentina/2016/10/29/58148a3846163f35438b456d.html>. Acesso em: 27 maio 2021.

GALEANO, Eduardo. O mais humano dos deuses. *Jacobin Brasil*, [s. l.], 26 nov. 2020. Disponível em: <https://jacobin.com.br/2020/11/o-mais-humano-dos-deuses/>. Acesso em: 27 maio 2021.

FAJARDO, Daniela. La secuencia y la historia detrás de la foto más tierna que Dalma Maradona elogió para despedir a su papá. *Parati*, Buenos Aires, 30 nov. 2020. Disponível em: <https://www.parati.com.ar/la-secuencia-y-la-historia-detras-de-la-foto-mas-tierna-que-dalma-maradona-eligio-para-despedir-a-su-papa/>. Acesso em: 27 maio 2021.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da tolerância*. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018 [1995].

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido: o manuscrito*. Projeto editorial, organização, revisão e textos introdutórios: Jason Ferreira Mafra, José Eustáquio Romão, Moacir Gadotti. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2018 [1970].

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 21. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014 [1992].

FREIRE, Paulo. *À sombra desta mangueira*. Organização e notas Ana Maria Araújo Freire. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013 [1995].

FREIRE, Paulo. *Pedagogia dos Sonhos Possíveis*. São Paulo: Unesp, 2001.

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. *Por uma pedagogia da pergunta*. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017 [1985].

FREIRE, Paulo; HORTON, Myles. *O caminho se faz caminhando*. Conversas sobre educação e mudança social. Organização: Brenda Bell, John Gaventa e John Peters. Tradução: Vera Josceline. Notas: Ana Maria Araújo Freire. 1ª reimpressão. Petrópolis: Vozes, 2018.

GUEVARA, Ernesto Che. El hombre nuevo. *Cuadernos de Cultura Latinoamericana*, Cidade do México, v. 2, n. 20, p. 5-24, 1978.

KOHAN, Walter Omar. *Paulo Freire mais do que nunca: uma biografia filosófica*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

L'ABÉCÉDAIRE de Gilles Deleuze. *Entrevista com Gilles Deleuze*. Paris: Éditions Montparnasse, 1997. 1 fita de vídeo, VHS, son., color. Edição em Português: Brasil, Ministério de Educação, "TV Escola", 2001.

LACERDA, Nathercia. *A casa e o mundo lá fora: cartas de Paulo Freire para Nathercinha*. Rio de Janeiro: Zit, 2016.

MARADONA, Dalma. *Siempre le tuve muchísimo miedo a mi muerte [...]*. [s. l.], 27 nov. 2020. Instagram: @dalmaradona. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CIGW2dGB8I5/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 27 maio 2021.

MARADONA, Diego. *Un soldado de Lula y Dilma Rousseff [...]*. [s. l.], 21 maio 2016. Facebook: Diego Maradona. Disponível em: <https://www.facebook.com/diegomaradona/photos/a.457499340968087/1137408656310482/?type=3>. Acesso em: 27 maio 2021.

PELANDRÉ, Nilcéa Lemos. Entrevista com Paulo Freire. *Revista EJA em debate*, Florianópolis, n. 4, p. 13-27, jul. 2014.

RUSSO, Sandra. Amor y desamor. *Página 12*, Buenos Aires, 4 dez. 2020. Disponível em: <https://www.pagina12.com.ar/309785-amor-y-desamor>. Acesso em: 2 abr. 2021.

WILSON, Tom; PARK, Peter; COLÓN-MUÑIZ, Anaida (ed.). *Memories of Paulo*. Rotterdam: Sense, 2010.